



## TRADIÇÃO E (RE)CONSTRUÇÃO NACIONAL

Elisalva Madruga

Para os poetas angolanos, empenhados na “(re)construção nacional”, o retorno à tradição é bastante significativo uma vez que nela se encontram os elementos constituintes da personalidade e da identidade nacional.

Convém, aqui, lembrar que não se trata de uma visão “tradicional” na acepção negativa de uma visão de mundo “mais virada para o passado do que para o futuro e pouco dedicada ao progresso e ao desenvolvimento social e tecnológico.”<sup>1</sup> Isto porque esse retorno como mostra Fernando Martinho “se faz dentro de uma dimensão prospectiva, visando a transformação racional do mundo”.<sup>2</sup> Na verdade, o retorno ao passado é movido por uma aguda consciência do presente.

Exemplos marcantes dessa preocupação com o resgate da tradição, dentro da poética angolana são, dentre outros, os poemas “Quitandeira” de Agostinho Neto e “Makèzu” de Viriato da Cruz.

### *QUITANDEIRA*

*(Agostinho Neto)*

A quitanda.

Muito sol  
e a quitandeira à sombra  
da mulemba.

- Laranja, minha senhora  
laranjinha boa!

A luz brinca na cidade  
o seu quente jogo  
de claros e escuros

e a vida brinca  
em corações aflitos  
o jogo da cabra-cega.

A quitandeira  
que vende fruta  
vende-se.

- Minha senhora  
laranja, laranjinha boa!

Compra laranjas doces  
compra-me também o amargo  
desta tortura  
da vida sem vida.

Compra-me a infância de espírito  
este botão de rosa  
que não abriu  
princípio impelido ainda para um início.

Laranja, minha senhora!

Esgotaram-se os sorrisos  
com que chorava  
eu já não choro.

E aí vão as minhas esperanças  
como foi o sangue dos meus filhos  
amassado no pó das estradas  
enterrado nas roças  
e o meu suor  
embebido nos fios de algodão  
que me cobrem.

Como o esforço foi oferecido  
à segurança das máquinas

à beleza das ruas asfaltadas  
de prédios de vários andares  
à comodidade de senhores ricos  
a alegria dispersa por cidades  
e eu  
me fui confundindo  
com os próprios problemas da existência.

Aí vão as laranjas  
como eu me ofereci ao álcool  
para me anestésiar  
e me entreguei às religiões  
para me insensibilizar  
e me atordeei para viver.

Tudo tenho dado.

Até mesmo a minha dor  
e a poesia dos meus seios nus  
entreguei-as aos poetas.

Agora vendo-me eu própria.  
- Compra laranjas  
minha senhora!  
Leva-me para as quitandas da Vida  
o meu preço é único:  
- sangue.

Talvez vendendo-me  
eu me possua.

- Compra laranjas!

MAKÈZÚ

(Viriato da Cruz)

- “Kuakié !... Makèzú, Makèzú...”

.....  
O pregão da avó Ximinha  
É mesmo como os seus panos,  
Já não tem a cor berrante  
Que tinha nos outros anos.

Avó Xima está velhinha  
Mas de manhã, manhãzinha,  
Pede licença ao reumático  
E num passo nada prático  
Rasga estradinhas na arcia...

Lá vai para um cajueiro  
Que se levanta altaneiro  
No cruzeiro dos caminhos  
Das gentes que vão p’ra Baixa.

Nem criados, nem pedreiros  
Nem alegres lavadeiras  
Dessa nova geração  
Das “venidas de alcatrão”  
Ouvem o fraco pregão  
Da velhinha quitandeira.

- “Kuakié!... Makèzú, Makèzú...”

- “Antão, véia, hoje nada?”

- “Nada, mano Filisberto...  
Hoje os tempo tá mudado...”

- “Mas tá passá gente perto...  
Como é aqui tás fazendo isso?”



- *Laranja, minha senhora*  
*laranjinha boa!*

*A luz brinca na cidade*  
*o seu quente jogo*  
*de claros e escuros*  
*e a vida brinca*  
*em corações aflitos*  
*o jogo da cabra-cega.*

O sentido auditivo é acionado pelo pregão “- *Laranja, minha senhora/laranjinha boa*” utilizado pela quitandeira para oferecer a mercadoria e oferecer-se junto com ela. De modo variado, porém recorrente, ele atravessa e fecha o poema.

A princípio mais sugestivo do que imperativo o pregão é anunciado de forma respeitosa, branda, agradável, conforme dão a entender tanto o pronome de tratamento (*minha senhora*), quanto o diminutivo (*laranjinha*) e o adjetivo (*boa*) nele presentes. Tais características do refrão nesse primeiro momento parecem situá-lo dentro daquela atmosfera luminosa do ambiente.

Aos poucos, como que refletindo a frustração, o desespero da voz emissora, ele vai perdendo essas características, assumindo um tom fortemente imperativo com o qual, inclusive, encerra o poema. É interessante que essa substituição do tom do pregão se dá paralelo à substituição da mercadoria oferecida, que deixa de ser a laranja para ser, de fato, a própria quitandeira:

*Agora vendo-me eu própria.*  
- *Compra laranjas*  
*minha senhora!*  
*Leva-me para as quitandas da Vida*  
*O meu preço é único:*  
- *sangue.*

*Talvez vendendo-me*  
*eu me possua.*

- *Compra laranjas!*

Já o sentido gustativo nos é aguçado pela referência ao sabor doce da laranja em contraposição ao sabor amargo da “vida sem vida”:

*Compra laranjas doces  
compra-me também o amargo  
desta tortura da vida sem vida.*

Correspondendo à dicotomia inicial proveniente das imagens de luz e sombra, os sabores mencionados reforçam as isotopias de POSITIVIDADE e NEGATIVIDADE que permeiam o texto. Ou seja: as isotopias de VIDA e MORTE sobre as quais ele se estrutura.

Nesse sentido, é exemplar a terceira estrofe em que o paralelismo sintático, aproximando os termos *luz* e *vida* pelos predicados a eles atribuídos, mostra também o seu reverso, ou seja, o *escuro*, a *morte*:

*A luz brinca na cidade  
o seu quente jogo  
de claros e escuros  
e a vida brinca  
em corações aflitos  
o jogo da cabra-cega.*

Relacionada com o espaço exterior - na cidade - a luz, metáfora de vida, ali presente, ainda que dentro de um “jogo de claros e escuros” continua aquecer, indicando, assim, a força da vida sobre a morte.

Já, nos versos seguintes, relacionada com um espaço interior - corações - negativamente caracterizado - aflitos - a vida parece dominada pela morte, pois surge marcada por uma positividade negativa, conforme sugere a imagem do “jogo da cabra-cega”. Brincadeira de crianças que consiste numa delas de olhos vendados tentar agarrar a outra para substituí-la. Portanto, uma imagem em que desorientação, cegueira, desespero se afiguram como semas básicos.

Semas que, por sua vez, permeiam também o poema “Makèzu” de Viriato da Cruz, cuja temática semelhante a do poema de Agostinho Neto, incide na substituição dos valores tipicamente angolanos por outros introduzidos pelo sistema colonial.

Se no poema de Agostinho Neto, a ênfase é dada à figura da vendedora - quitandeira - para mostrar, sobretudo, o aviltamento do ser

humano, no de Viriato da Cruz, ainda que a figura típica da vendedora, com os seus pregões, representada pela avó Ximinha continue presente, o destaque é dado ao produto por ela oferecido - makèzu<sup>3</sup> -, uma comida tradicional que já não tem mais a mesma aceitação dentro daquele meio, em decorrência das mudanças nele ocorridas, introduzidas pelo “progresso”. Progresso que longe de significar avanço, melhoria, se revela como fator alienante, emudecedor,

*Nem criados, nem pedreiros  
Nem alegres lavadeiras  
Dessa nova geração  
Das “venidas de alcatrão”  
Ouvem o fraco pregão  
Da velhinha quitandeira*

e reducionista da sociedade:

*- Não sabe?! Todo esse povo  
Pegô um costume novo  
Qui diz qué civrização:  
Come só pão com chouriço  
Ou toma café com pão . . .*

Vazado em versos heptassílabos, versos de longa tradição poética, muito usado pelos poetas populares, o poema, em causa, tanto pelo seu aspecto temático, quanto pela forma como é estruturado, reflete o empenho do poeta de proceder ao resgate da tradição, sem a qual nada se pode fazer em prol da construção da identidade nacional.

Mas não apenas os versos heptassílabos atestam em termos expressivos essa preocupação do poeta. Configuram-na, também, o discurso narrativo semelhante, ao de um contador de histórias”, usado pelo eu -lírico; a recorrência das formas diminutivas (Ximinha, velhinha, manhãzinha, estradinha) que para lá da afetividade sugerida, ao ressaltarem a fragilidade da personagem evocada, símbolo da tradição, realçam por outro lado a sua fortaleza, a sua persistência, na medida em que apesar de tudo continua ela a sua atividade:

*Avó Xima está velhinha  
Mas de manhã, manhãzinha  
Pede licença ao reumático  
E num passo nada prático  
Rasga estradinhas na areia...*

como a mostrar, pois, não o enfraquecimento, a perda da força, da tradição, mas a sua resistência; o registro da fala popular, com seus inúmeros erros (“a contribuição milionária de todos os erros”, no dizer de Oswald de Andrade), dessacralizando, assim, a língua do sistema, e, como se não fosse suficiente, numa manifestação ostensiva de subversão aos ditames da classe dominante, tem-se a inserção da língua quimbundu, língua nativa, repudiada e proibida pelo governo colonial, que a chamava de “língua de cão”.<sup>4</sup>

Aliás para Viriato da Cruz e outros poetas angolanos, “o recurso ao quimbundo, assim como às deformações fonéticas do português, não são uma tentativa folclórica ou populista, mas a busca duma semântica angolana.”<sup>5</sup>

Em termos, ainda, expressivos, a ênfase na tradição é ressaltada tanto pelo título do poema - Makèzú - como pela reincidência desse termo no tecido poético, inclusive nos versos que abrem e fecham o texto.

Expressando, ambos os versos, a voz da tradição, seja através do prego “- Kuakié!... Makèzú, Makèzú!...”, seja por meio da afirmação “-É prué nossas raiz/ Tem força do makèzú!...”, eles, tanto por sua posição dentro do poema, quanto pelo que anunciam reforçam a isotopia de RESISTÊNCIA que contraposta à da ALIENAÇÃO marca também o texto de Viriato da Cruz, evidenciando, assim, sua preocupação com o resgate da tradição. Nesse sentido, vale a pena registrar a presença no texto da avó Ximinha, personagem que, para além de sua recorrência na literatura (João-Maria Vilanova, Jofre Rocha), remete para uma figura real da sociedade angolana. Portanto, uma figura pertencente tanto à série literária como à série social, reforçando, desse modo, a preocupação do poeta de fixar para sempre, através da literatura, os elementos que estão na base, na raiz da cultura angolana.

### *Notas e Referências Bibliográficas*

1 HAMILTON, Russel. "A Literatura Escrita e a Integração Cultural." *Lavra & Oficina*. (Gazeta de Literatura e Artes) Angola : União dos Escritores Angolanos, nº 16. Janeiro, 1979, p. 10.

2 MARTINHO, Fernando. "Ars Poética e Ars Combinatória." *Lavra & Oficina* (Gazeta de Literatura e Artes) Angola : União dos Escritores Angolanos, nºs 28/29/30. Jan/ Fev/ Março, 1981, p. 14

3. Segundo João Carneiro, *makèzú* era a primeira refeição do dia : cola e gengibre. Cf. CARNEIRO, João. "Viriato da Cruz. Da urgência de (re)ler um poeta angolano maldito." *Revista de Cultura VOZES*. Ano 73 , vol. LXXIII, março, 1979, nº 2, p. 103.

4. Cf. Depoimento de Óscar Ribas a Michel Laban. In: LABAN, Michel. *Op. Cit.* p. 34.

5 MARGARIDO, Alfredo. *Op. Cit.* p. 339.